

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLV E XLVI



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2024

O tempo e o lugar na interpretação de uma epígrafe

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Os que lidam com a História sabem perfeitamente que um facto só é cabalmente compreensível se dele se conhecerem dois factores imprescindíveis: o tempo e o lugar.

Explicam-se bem os *grafitti* que enxamearam as paredes das nossas cidades e vilas logo após o 25 de Abril, manifestando alegria ou apelando à mobilização contra eventuais desvios revolucionários.

Entende-se que, em Verona, as paredes da casa atribuída a Giulietta estejam pejadas de juras de amor.

E o painel bilingue de Albufeira, que reza “Conserve o património — Grafittis só em local próprio”, ou essoutro, de Glasgow, que indica o número da *hotline* destinada a promover *grafitti removal* constituem uma consequência desse generalizado hábito de se escrever nas paredes, sem rei nem roque, desrespeitando a propriedade alheia. Mas também não admira que só porque esse modo de comunicação tanto se entranhou no nosso quotidiano os publicitários até tenham aproveitado um simulacro de grafito, que visou não apenas tornar mais aliciante — no seu tempo — a aquisição de cartões telefónicos como, em simultâneo, mais eficazmente fazerem passar a mensagem principal: a frase “Les auteurs de grafitti seront punis d’une amende” foi graciosamente acrescentada de um coração trespassado e corrigida assim: “Les amateurs de grafitti seront unis d’un amour fou”.



AS PLACAS DAS NOSSAS RUAS

Raramente olharemos para as placas toponímicas e outras que estão nas nossas ruas com uma interrogação de historiador: porque é que a rua tem este nome? Quando lhe foi atribuído e porquê? Quem é a personalidade cuja memória assim se perpetua?

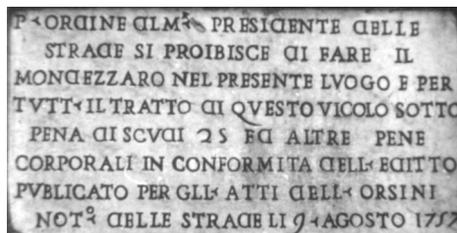
Numa placa de esmalte que, na década de 60 do século passado, o construtor decidiu manter no prédio, que recuperara no centro histórico cascalense — placa que, infelizmente, alguém mais tarde preferiu arrancar ou, simplesmente, arrancar... —, lia-se o seguinte:

*É PROIBIDO AFFIXAR
ANNUNCIOS N'ESTE PREDIO*

Para além de se louvar a atitude cultural de querer manter uma placa antiga no lugar onde, algumas décadas atrás, ela estivera, de facto, afixada, há toda uma série de perguntas que um docente, em visita de estudo da sua turma, poderia pôr aos estudantes:

- De que material é feita?
- É bem diferente da actual a grafia apresentada, porquê?
- Que significa exactamente a palavra prédio?
- Se se aponta para uma proibição de ali anunciar, quem teria o poder de proibir e, imaginando que se trata de placa da 1.^a metade do século XX, que se anunciaria então pelas paredes?

Este exemplo leva-me a um outro — e, como se vê, já estamos a entrar em pleno no domínio dos monumentos epigráficos, ou seja, aqueles que valem de modo especial pelo que sobre eles se escreveu e perdeu — que tive ocasião de fotografar num lugar escuso da cidade de Roma. Reza assim:



“P(er) ordine del ministro Presidente delle Strade si proibisce di fare il moncezzaro nel presente luogo e per tutto il tratto di questo vicolo sotto pena di scudi

25 ed altre pene corporali in conformità dell'editto publicato per gli atti dell'Orsini notario delle strade li 9 Agosto 1757".

Percebe-se bem o intuito: era o recanto de um beco, uma tentação para, recatadamente, o cidadão se poder 'aliviar' sem que alguém passasse por perto. Estamos na 2.^a metade do século XVIII, quando, pela Europa, começaram as preocupações higiénicas (recordamos as iniciativas, entre nós, de Pina Manique, Intendente-Geral da polícia de D. Maria I), pois se concluía que muitas pestilências eram devidas ao escasso ou nulo asseio dos lugares públicos. Caberá aos historiadores especializados tecer considerações sobre o valor real, na altura, da multa de 25 escudos (curiosa a designação, que Portugal irá adoptar muito mais tarde), mas não ficaremos indiferentes ao saber que, além da multa, poderiam ser aplicadas algumas chicotadas a condizer...

A LÍNGUA DAS EPÍGRAFES

Naturalmente, na placa de Roma, foi o italiano a única língua utilizada, pois que romanos seriam os que, à socapa, ali poderiam transgredir; contudo, com a globalização — iniciada, convém não esquecer, com o aparecimento, em finais do século XIX, do hábito de "ir a banhos" e com o avanço tecnológico que sofreu a indústria automóvel, a dar possibilidade a muitos de se deslocarem para um "tour", donde deriva, como se sabe, o vocábulo "turismo" — o mundo começou a ser mais pequeno e as fronteiras mais facilmente transponíveis. Urgia, pois, em determinadas circunstâncias, usar não apenas a língua indígena, mas uma outra também, que foi primeiro o francês e só bastante mais tarde o inglês.

Há, no entanto, nesse âmbito, de modo especial a partir do último quartel do século XX, fenómenos que só o lugar e o tempo podem devidamente explicar. Assim, causar-nos-ia, à primeira vista, admiração a seguinte placa no aeroporto de Barcelona:

Disculpeu les molèsties treballem per vostè
Sorry for disturbing you we are working for you
Disculpen las molestias trabajamos per Ud.

Que a segunda língua seja o inglês entende-se, porque estamos num aeroporto internacional; agora que, em território administrativamente espanhol, a primeira língua seja o catalão só é compreensível perante a conjuntura, em que a vontade autonomista da Catalunha é dominante.

Estranho pode parecer também, na cidade francesa de Toulouse, que todas as placas toponímicas das ruas se apresentem em duas línguas: o francês e o provençal — Rue des Lois/Carrièra de las Leis — quando o provençal não só já não é falado há muito tempo, como em nenhuma documentação oficial se usa essa língua. Se atentarmos, porém, no facto de, em cada região, se estar a manifestar um profundo respeito e um reavivar das suas raízes individualizantes, essa atitude já nos vai parecer normal.

Como agora, ao percorrermos o território do município português de Miranda do Douro, nos depararmos, desde 2006, com placas toponímicas em Mirandês e em Português, o mirandês em primeiro lugar: AUGAS BIBAS/AGUAS VIVAS, INFAINC/IFANES. Pela Lei n.º 7/99, de 29 de Janeiro, o Mirandês passou a ser considerada língua oficial do nosso País e os Mirandeses têm muito orgulho nisso; a língua mirandesa é ensinada nas escolas; e surge cada vez mais uma literatura em língua mirandesa. O respeito por um património bem patente através dos monumentos epigráficos.

O RESPEITO PELAS PEDRAS ESCRITAS

Mesmo que se não compreenda o significado de um escrito, é curioso verificar como, em todos os tempos, se verificou um respeito pela face epigrafada de uma pedra. Quando se procedia, por exemplo, à reconstrução ou remodelação de um edifício, se se encontrava uma pedra com letras, o mais normal era que os operários deixassem essas letras à vista.

A escrita exerceu sempre como que um carácter mágico e daí se compreenderem perfeitamente duas atitudes opostas: uma, essa, da preservação, concomitante com a vontade de um facto que se considere de suma importância carecer de ficar imortalizado na “pedra”, que solenemente se descerra; outra, a de destruir essas letras quando o que lá está escrito for acoimado de maldição. Dessa atitude há exemplos na época romana: sempre que um imperador ou uma pessoa

relevante era amaldiçoada, havia a preocupação de lhe martelar o nome nos monumentos públicos; chamava-se a isso a *damnatio memoriae*, “condenação da memória”, como se, apagando da pedra o nome, a sua memória se esvaísse na noite dos tempos...¹

O neoclassicismo dos séculos XVIII e XIX teve, pois, o maior cuidado em preservar os monumentos epigráficos. Nem todos compreendiam cabalmente o que lá estava escrito, mas todos sabiam tratar-se de mensagem que o povo romano quisera deixar e importava, por isso, salvaguardá-la. Amiúde, porém, a atitude adoptada não mereceria hoje o nosso aplauso: se a pedra estava delida, se mal se lia, a preocupação foi de copiar o letreiro e pô-lo a salvo, deixando de parte o original, que dele se não precisava já, pois a cópia o substituíra perfeitamente. Outra mentalidade, portanto, que na actualidade lamentamos, mas que se compreende e que não podemos senão agradecer, pois, mesmo com erros de cópia quase sempre nos é possível reconstituir o texto original.

Foi embutida na parede sul da igreja matriz de Cuba (do Alentejo) cópia do epitáfio de *Terentius Chrysogonus* (IRCP 334). A seguir ao texto em latim, vem uma informação de que felizmente houve notícia, pelo que se logrou saber o significado das siglas: é que quem fez a cópia do epitáfio se identificou com as siglas do seu nome — F(rancisco) J(osé) O(liveira) — e teve o cuidado de acrescentar a data em que o fizera: A(nno) D(omini) MDCCXXIV.

Quando, em Bobadela, de Oliveira do Hospital, se construiu uma nova igreja para substituir a anterior, houve também o cuidado de para lá trasladar, em cópia, inscrições que nela se encontravam. Uma delas reza o seguinte:

*SPLENDIDISSIME CIVITATI IV =
LIA MODISTA PLAMINIA*

E, dos lados da epígrafe latina, no mesmo tipo de letra, do lado esquerdo:

*ESTE
LETRº
SE A =*

¹ É bem conhecido o facto de, em sessões de bruxaria, por todos os tempos, o nome da pessoa para que se deseja mal ser picado com alfinetes, para se lhe provocar atroz sofrimento ou, até, a morte.

À direita:

CHOVNA
JGRAVE
LHA

A data de 1746 figura do lado direito, dentro de um rectângulo.

Como é fácil de deduzir, mesmo tratando-se de uma cópia perfeitamente datada, porque se declara “Este letreiro se achou na igreja velha — 1746”, trata-se de uma inscrição da maior importância, pois teria sido, originalmente, gravada num lintel, de que apenas parte se terá identificado ou, pelo menos, salvaguardado. Em Bobadela existiria, no tempo dos Romanos, uma povoação a que se dera o pomposo título de *splendidissima civitas*, “cidade de máximo esplendor”, e nela o culto ao imperador teria sido florescente, porque é de supor que a epígrafe tivesse sido afixada em monumento dedicado a um imperador, uma vez que a dedicante fora a *flaminica Iulia Modesta*, sacerdotisa, portanto, do culto imperial. Caso não houvera a informação escrita, não seria difícil considerar o letreiro uma cópia, quer porque, em Latim, os ii não levavam pintinha, quer porque se lera I em vez de E (as barras horizontais estariam imperceptíveis) e P em lugar do F (confusão compreensível).

Permita-se-me que dê conta de um outro exemplo assaz curioso. Quando, no dealbar do séc. XIX, começaram as investigações junto a Santiago do Cacém, no que viria a ser considerada a cidade romana de *Mirobriga*, acharam-se inscrições. Houve-se por bem fazer cópia de alguma dessas epígrafes e preparou-se mesmo um paralelepípedo de mármore cinzento, guardado hoje no Museu Municipal, em cuja face dianteira se lê:



PRECIOSOS MONUMENTOS DA ANTIGUA/TRASLADADOS DAS/
RUINAS DA ANTIGA/MIROBRIGA/A. D. 1809/P. O. D. P

Não me foi possível chegar a uma conclusão acerca do significado das siglas finais, sendo aliciante ver aí algo como P(or) O(rdem) D(o) P(ovo), o que denotaria o imediato envolvimento da população no começo das escavações aí

então levadas a efeito pelo bispo Frei Manuel do Cenáculo; mas é pouco provável tal desdobramento.

Essas cópias, que também ainda subsistem, não oferecem dúvidas quanto à autenticidade do original a partir do qual foram efectuadas, decerto porque ainda estavam bem legíveis, mas compreende-se, por exemplo pela molduração, que não são originalmente de época romana.

O LUGAR

Os testemunhos atrás aduzidos documentam já o que nos propuséramos tratar: a importância do espaço e do tempo para se compreender o verdadeiro significado de um documento epigrafado.

Permita-se-me que — ainda que de um outro prisma — eu fale do lugar.

Uma epígrafe romana achada em Caires, no concelho de Amares, está dedicada ao Génio por *Quintus Sabinius Florus*. Tive ocasião de estudar este altar e de analisar, de modo particular, a onomástica do dedicante, uma vez que se me afigurava não haver muitos testemunhos da família *Sabinia* na epigrafia da Península Ibérica (Encarnação 1983). Isso confirmei. E como o *cognomen* também era genuinamente latino, não tive dúvidas em interpretar desta forma o significado da epígrafe, tendo em conta, além disso, que, do ponto de vista paleográfico, o monumento me parecia datável, sem grande dúvida, dos primórdios do século I da nossa era: vindo porventura da Península Itálica, Floro chegou ali; viu que o local era bom para se instalar com os seus e decidiu ficar; antes, porém, necessitava de cumprir a tradição ancestral: pedir autorização à divindade que superiormente protegia aquele território. Não teve indígenas com quem entabulasse conversações, a fim de saber que divindade seria, até porque, certamente, era bem possível que não se entendessem cabalmente, porque os indígenas ainda não falariam latim; e, por isso, tomou a decisão acertada: erigiu altar ao Génio do lugar; desconhecia-lhe o nome característico, pôs somente *Genio* — e foi o bastante para se sentir bem com a sua consciência e poder lavrar a terra, abrir os caboucos para a sua casa, que o Génio o haveria de abençoar, pois de boa vontade — *libens* — lhe prestara o devido preito de submissão.

A INSCRIÇÃO DO PALÁCIO RENIER, EM CRETA

Um dos monumentos mais conhecidos de Cândia, em Creta, é a Mansão Renier, datada do período em que os Venezianos se assenhorearam da ilha, para melhor dominarem as rotas comerciais dessa área do Mediterrâneo Oriental.

Sobre a porta de entrada da mansão, com o escudo da família Renier a meio, há uma longa inscrição em latim, muito bem conservada e, por tal motivo, sempre referida nos guias turísticos da cidade.

Sabendo do meu interesse pela Epigrafia, uma amiga minha, a Dr^a Ana Teresa Machado, fotografou o texto e enviou-me a fotografia. Fiquei, naturalmente, cheio de curiosidade na tentativa de decifrar o que poderia ali estar escrito, numa área onde, em princípio, a língua grega teria as preferências.



A epígrafe estava datada dos primórdios do século XVII. O brasão poderia ter determinado que a parte da esquerda se lesse primeiro por inteiro e o texto continuasse à direita. Não havia, por outro lado, à primeira vista, uma clara divisão das palavras. Tentei, pois, saber se a epígrafe já fora lida e em que contexto deveria ser interpretada.

Fui à página da Municipalidade de Cândia, onde li a seguinte versão:

*MULTA TULIT, FECITQUE AT STUDUIT DULCES
PATER, SUDAVIT ET ALSIT SEMPER REQUIES CERENAT,
MDC VIII. IDI B. IAN*

E a respectiva tradução:

“Many things he brought, done and studied, the sweet father, who worked hard. May he rest in peace 1608”.

Ou seja:

“Muito suportou, fez e estudou o doce pai, que arduamente trabalhou. Que descanse em paz. 1608”.

Estranhei. Havia palavras por traduzir e não se me afigurava correcto separar inteiramente o texto da esquerda do da direita, porque, na verdade, assim, havia palavras (como *cerenat*, por exemplo) que não tinham sentido. Por outro lado, o lugar apontava para estarmos perante uma inscrição monumental e, nesse contexto, uma fórmula do género “que descanse em paz”, de teor funerário, não se enquadrava ali.

Fui, pois, ler de seguida, ‘esquecendo’ o brasão central. E o resultado foi o seguinte:

MVLTA TVLIT FECITQ(ue) PATER, SVDAVIT, ET ALSIT,
ET STVDVIT DVLCS SEMPER REQUIESCERE NATOS
CICICCVIII. IDIB(us). IAN(uariis)

que já permite uma tradução, atendendo a que as palavras mais ‘estranhas’ se poderiam interpretar: *tulit* é a 3.^a pessoa do passado do verbo *ferre*, “fazer, levar a bom termo”; *studuit* idêntica pessoa do passado do verbo *studere*, “estudar, procurar, investigar, fazer por”; e o, na aparência, estranho *alsit* igualmente é a 3.^a pessoa do passado do verbo *algere*, “gelar, passar frio” (daí vem o adjectivo “álgido”).

Estava, por consequência, descoberto o enigma:

*“Muito empreendeu e fez o pai, suou e teve frio e procurou que os filhos
sempre descansassem docemente.
Nos idos de Janeiro [13 de Janeiro] de 1608”.*

Um hino, pois, à tenacidade e ao labor do antepassado Renier, que passara privações, mas acabara por conseguir deixar aos filhos uma herança susceptível de lhes garantir vida tranquila.

Estamos, portanto, muito longe do que os livros até agora haviam propalado.

Houve, porém, outras questões que logo me surgiram. Se o uso do Latim me não admirou, uma vez que esse começo do século XVII se encaixava em pleno período neoclássico, em que o Latim era o idioma de moda, escolhido para os letreiros monumentais, havia no texto uma erudição, um cunho literário que se me afigurou digno de realce. E fui ver.

Na verdade, a frase colheira inspiração nos versos 412-414 da *Ars Poetica* do poeta lírico latino, Horácio (Quinto **Horácio** Flaco, 65 a. C. — 8 a. C.), a propósito do esforço que cada um deve fazer para atingir os seus objectivos. A frase completa é a seguinte:

*Qui studet optatam cursum contingere metam multa tulit fecitque puer,
sudavit et alsit abstinuit Venere et vino.*

*“Quem se esforça por atingir a meta almejada, muito deve suportar desde
criança, sofrer o calor e o frio, evitar os prazeres e o vinho”.*

Verifiquei, ainda, que esses versos constam da conhecida recolha de sentenças de L. De Mauri intitulada *5000 Proverbi e Motti Latini. Flores Sententiarum: raccolta di sentenze, proverbi e motti latini di uso quotidiano, in ordine per materie, con le fonti indicate, schiarimenti e la traduzione italiana* (Hoepli, Milão, 2006).

Ou seja, a frase de Horácio bem depressa se tornou sentença, norma de vida e não admira, por isso, que também a venhamos a encontrar no grafito de uma das paredes do claustro da Collégiale Saint-Ours (Loches, Indre-et-Loire), sendo aí a palavra *vino* substituída pela identificação da respectiva divindade: Baco. E a intenção, bem clara: lembrar aos noviços que só seriam alguém na vida mediante o trabalho, suando e suportando o frio, abstendo-se de excessos nos prazeres carnis e da comida.

Também me pareceu, por outro lado, um tudo-nada poética a expressão *dulces natos*: teria, acaso, sido haurida em qualquer passagem de outrora?

E foi: aí se pode ver um eco de uma passagem famosa da *Eneida* (4, 33), de Virgílio. Lamentava-se Dido da sua má sorte, ao sentir-se abandonada por Eneias, como se para ela tudo houvesse deixado de ter sentido. E, vai daí, Ana, a irmã, procura consolá-la, perguntando-lhe:

[...] Nec dulces natos, Veneris nec praemia noris?

“Ó tu, que és a mais cara a tua irmã do que a vida, vais então passar a tua juventude na solidão do tédio? Não conhecerás nem a doçura de ter filhos nem os prazeres de Vénus?”.

CONCLUSÃO

Já recordei noutro lugar o facto de um historiador famoso ter ficado para trás do grupo em que ia, porque lhe chamara a atenção a conversa animada de várias pessoas junto das quais estavam a passar. E ele parara a fim de se inteirar da situação, por mera curiosidade. Os colegas aperceberam-se de que ele não os acompanhava e perguntaram-lhe depois que interesse vira ele, sendo historiador, no que ali se estava a passar:

— Muito simples — explicou. Historiador que se preza deve saber viver o seu tempo, ter curiosidade, para melhor compreender o passado que estuda.

Com exemplos concretos, foi minha modesta intenção demonstrar isso mesmo. Epigrafista que se preza não pode deixar de se interrogar a todo o momento: o porquê de uma placa bilingue e qual a razão de estar em primeiro lugar uma língua e não a outra. Porque é que se proíbe e se ameaça com vergastadas? Este letreiro é original ou é uma cópia e, se é uma cópia, que motivo levou o seu autor a fazê-la? Que queria ele demonstrar?

E, para responder a todas essas questões, avaliar o tempo em que tal se escreveu (com o fim de perdurar para sempre!) e o lugar para que foram pensadas. Com a frase que Renier mandou gravou na sua mansão de Cândia, a sua estatura moral e humana ganharam, sem dúvida, outro prestígio e seus filhos, antes de malbaratarem a herança — se é que malbarataram — sem dúvida que pensaram muitas vezes: *multa tulit fecitq(ue) pater, sudavit, et alsit, et studuit dulces semper requiescere natos!*

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 25 DE FEVEREIRO DE 2016)

BIBLIOGRAFIA

- Amaral, A. E. M. do, Sobre três inscrições perdidas da Bobadela (Oliveira do Hospital), *Conimbriga* 21, Coimbra, 101-126 (1982).
- Encarnação, José d', O culto ao Génio no Noroeste peninsular, *Cadernos de Arqueologia* série II 2 1985 41-49 (1985). <http://hdl.handle.net/10316/20121>
- IRCP = Encarnação, José d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. — *Subsídios para o Estudo da Romanização*. Coimbra, 2013. <http://hdl.handle.net/10316/578>.